

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO XXVI – Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes

Índice

Capítulo XXVI – Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes	03
Dom de curar	03
Mediunidade com Jesus.	04
Dom de curar	06
Mediunidade conceito e tipos	08
Preces pagas	10
O que nos é dado de graça	11
O Evangelho segundo o Espiritismo	13
A caridade desinteressada nas advertências do Cristo	16
Mercadores expulsos do templo	19
Homem tumultua e atrapalha negócios no templo	20
Jesus foi agressivo no episódio da Purificação do Templo?	22
Mediunidade gratuita	24
O alerta de Acelino	26
Consciência mediúnica	28
Os números gigantes da vida e da obra de Chico Xavier	29

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec
Capítulo XXVI – Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes

1. Dom de curar.

1. Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido.

(S. Mateus, cap. X, v. 8.)

2. “Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido”, diz Jesus a seus discípulos. Com essa recomendação, prescreve que ninguém se faça pagar daquilo por que nada pagou. Ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, isto é, os maus Espíritos. Esse dom Deus lhes dera gratuitamente, para alívio dos que sofrem e como meio de propagação da fé; Jesus, pois, recomendava-lhes que não fizessem dele objeto de comércio, nem de especulação, nem meio de vida.

Estudo sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 20 – 29/08/2007

O Consolador – (Thiago Bernardes)

I. Dom de curar

Mediunidade com Jesus

A mediunidade não pode ser fonte de renda

1. **“Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido.”** Essa foi a recomendação de Jesus aos seus discípulos, com isto querendo dizer que ninguém deve cobrar por um dom – o dom da cura – que o Pai nos concedeu graciosamente.
2. O dom da mediunidade, como já vimos anteriormente, é tão antigo quanto o mundo. Os profetas eram, na verdade, médiuns. Sócrates tinha a inspirá-lo um Espírito amigo. Todos os povos tiveram seus médiuns e as inspirações de Joana d’Arc não eram mais do que as vozes de Espíritos benfazejos que a dirigiam.
3. Ora, foi exatamente esse dom: a faculdade de curar os enfermos e de expulsar os demônios, melhor dizendo, os maus Espíritos, que Deus lhes dera gratuitamente, para alívio dos que sofrem e como meio de propagação da fé, razão por que Jesus lhes recomendou não fizessem dessa faculdade objeto de comércio, nem de especulação, nem de meio de vida, proposta reafirmada mais tarde por Allan Kardec, que recomenda aos médiuns dar à tarefa da mediunidade o seu tempo livre, o seu momento de lazer, sem pretender obter com isso recompensas de ordem material.
4. Essa orientação contém mais atual do que nunca, porque a mediunidade evangelizada jamais poderá ser transformada em profissão ou fonte de renda.
5. A mediunidade, como uma luz que brilha na carne, é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, a quem ela enriquece no capítulo da virtude e da inteligência sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo.

A faculdade mediúnica é um talento precioso

6. Devemos compreender que a mediunidade só existe pelo concurso dos Espíritos. “Os atributos medianímicos – assevera Emmanuel – são como os talentos do Evangelho. Se o patrimônio divino é desviado de seus fins, o mau servo torna-se indigno da confiança do Senhor da Seara da verdade e do amor.”
(O Consolador, item 389.)
7. Na sequência, acrescenta Emmanuel: “Multiplicados no bem, os talentos mediúnicos crescerão para Jesus, sob as bênçãos divinas; todavia, se sofrem o insulto do egoísmo, do orgulho, da vaidade ou da exploração inferior, podem deixar o intermediário do invisível entre as sombras pesadas do estacionamento, nas mais dolorosas perspectivas de expiação, em vista do acréscimo de seus débitos irrefletidos”.
(Obra citada.)
8. Mediunidade – advertem os mentores espirituais – não basta só por si. É imprescindível saber que tipo de onda mental assimilamos, para conhecer da qualidade de nosso trabalho e ajuizar de nossa direção. O médium moralizado, que encontra na vivência evangélica a conduta de vida, é uma pessoa de bem, que procura ser humilde, sincero, paciente, perseverante, bondoso, estudioso e trabalhador. E cumpre o mandato mediúnico com amor.

A mediunidade e a renovação social

9. No exercício da mediunidade com Jesus, ou seja, na perfeita aplicação dos seus valores a benefício da criatura humana, em nome da caridade, é que o ser atinge a plenitude das suas

CAPÍTULO XXVI – DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

funções e faculdades, convertendo-se em celeiro de bênçãos, semeador da saúde espiritual e da paz nos diversos terrenos da vida humana.

10. Não é difícil, pois, compreender como a prática mediúnica exerce um papel de renovação social. O Espírito humano segue em marcha conveniente. Deus quer que os Espíritos sejam reconduzidos aos interesses da alma. Quer que o aperfeiçoamento moral do homem se torne o que deve ser: o fim e o objetivo da vida.

11. Todo progresso vem, contudo, na sua hora. Soou a hora da elevação moral para a Humanidade. O médium evangelizado, exercendo o mandato com amor e espírito de serviço em benefício do próximo, contribui em grande escala para o progresso geral, e é nesse sentido que se diz que a prática da mediunidade com Jesus é um poderoso instrumento de renovação social.

Questões propostas

1. Ao conclamar os seus discípulos a restituir a saúde aos doentes, curar os leprosos e expulsar os demônios, Jesus lhes fez uma recomendação especial e bem clara. Que foi que ele lhes pediu?

R.: A recomendação foi esta: “Dai de graça o que gratuitamente haveis recebido”, querendo com isto dizer que ninguém deve cobrar por um dom – o dom da cura – que o Pai nos concedeu graciosamente.

2. A mediunidade pode constituir uma profissão ou uma fonte de ganhos, se o médium for uma pessoa pobre, destituída dos recursos necessários à sua sobrevivência?

R.: Não. Kardec ensina que os médiuns devem dar à tarefa mediúnica seu tempo livre, seu momento de lazer, sem pretender obter com isso recompensa de ordem material. Essa orientação continua mais atual do que nunca, porque a mediunidade evangelizada jamais poderá ser transformada em profissão ou fonte de renda.

3. Na prática da mediunidade, o que é, segundo o Espiritismo, o mais importante?

R.: A mediunidade não basta por si mesma. É imprescindível saber que tipo de onda mental assimilamos, para conhecer da qualidade de nosso trabalho e ajuizar de nossa direção. A aplicação da mediunidade, o que fazemos das faculdades mediúnicas, isso é que é o mais importante.

4. Quais as características principais de um médium evangelizado?

R.: O médium moralizado, que encontra na vivência evangélica a conduta de vida, é uma pessoa de bem, que procura ser humilde, sincero, paciente, perseverante, bondoso, estudioso e trabalhador, e cumpre o mandato mediúnico com amor.

5. Podemos dizer que a prática da mediunidade com Jesus contribui para o progresso social?

R.: Sim. Deus quer que os Espíritos sejam reconduzidos aos interesses da alma. Quer que o aperfeiçoamento moral do homem se torne o que deve ser: o fim e o objetivo da vida, e a prática mediúnica concorre para isso.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (cap. 31, Dissertações espíritas, item 11.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. 26, itens 1 e 2.)

Ângelis Joanna de, Estudos Espíritas, (psicografia Divaldo P. Franco), (Estudos espíritas, pág. 141.)

Emmanuel, O Consolador, (psicografia Chico Xavier) (itens 382 e 389.)

André Luiz, Nos Domínios da Mediunidade, (psicografia Chico Xavier), (págs. 19 e 20.)

Espiritismo para crianças

Nº 363 – 18/05/2014

O Consolador – (Célia Xavier de Camargo)

I. Dom de curar

Dom de curar

Hélio, garoto de dez anos, de sentimentos bons e desejo de servir, em suas orações pedia a Jesus que o ajudasse a ser útil ao seu próximo.

Tanto ele pediu que certa ocasião, na escola, viu um amigo que não estava bem e perguntou o que estava acontecendo. Com a mão segurando a cabeça e expressão de dor, Vítor reclamou:

– Ai! Minha cabeça está doendo muito, Hélio.

Naquele momento, Hélio sentiu vontade de ajudar o colega. Estendendo a mão, tocou a cabeça do garoto e disse com segurança:

– Jesus vai te ajudar, Vítor. Não se preocupe, sua dor vai passar.

Na mesma hora a dor sumiu e o outro olhou para Hélio, surpreso.

Na hora do recreio, Vítor contou a outros colegas o que tinha acontecido e logo todos cercavam Hélio, todo envergonhado.

– O que você fez para curar Vítor? — perguntou um deles.

– Não fiz nada. Apenas pedi ajuda a Jesus, e senti que a dor ia passar se eu colocasse a mão na cabeça dele.

– Então, quero que cure minha perna, Hélio — pediu Celeste. — Há um mês que dói sem parar. Já fui ao médico, mas não resolveu. Por favor!

– Vou tentar — disse Hélio, em dúvida.

Ele estendeu a mão para a perna da colega e na mesma hora a perna dela ficou boa. As crianças bateram palmas, entusiasmadas.

No dia seguinte, um parente de Vítor foi procurar o garoto em casa, mas ele se recusou a ajudar, temendo que a mãe visse e ele tivesse que explicar algo que, para ele, não tinha explicação. Mas o rapazinho insistiu:

– Hélio, estou com dor no estômago. Eu lhe dou uma moeda se me curar.

Ao ouvir a proposta, os olhos de Hélio brilharam. Ele estava juntando dinheiro para comprar um aparelho celular. Resolveu aceitar. Estendeu a mão, e tocou a barriga do rapaz, e logo estava com a moeda prometida em sua mão.

A partir daí, Hélio começou a cobrar uma moeda para curar as pessoas. Ao ver tanta gente batendo à sua porta, a mãe de Hélio estranhou e perguntou o que estava acontecendo. O menino contou a verdade à mãe e ela, preocupada, explicou:

– Meu filho, se o que me contou é verdade, você recebeu de Jesus o dom de curar, que exige muita seriedade, pois é algo que não é seu. Foi-lhe dada essa faculdade para ajudar as pessoas. Como não é algo que você comprou — veio de Jesus! — não pode colocar preço. Entendeu?

Sim, Hélio tinha entendido, mas não conseguia parar. Assim, continuou a receber uma moeda por colocar a mão nas pessoas e elas ficarem curadas. Até o dia em que nada aconteceu!

– Devolva minha moeda! — gritou alguém. — Continuo com dor. Você não fez nada!

A partir daí, as pessoas começaram a brigar com Hélio, querendo bater nele por não conseguir curá-las, e ele teve que fugir para casa, escondendo-se debaixo da cama.

Depois de acalmar o povo e os revoltados se afastarem, a mãe foi procurar o filho. Hélio saiu de seu esconderijo, chorando de medo. A mãe abraçou-o e sentou-se com ele para conversar.

– Meu filho, lembra-se de que o alertei, afirmando que você poderia perder essa faculdade de curar se continuasse a cobrar por seus serviços?

O menino baixou a cabeça, concordando:

– Sim, mamãe. Eu me lembro. Mas como estava juntando moedas para comprar um telefone celular. Achei que não faria mal continuar mais um pouco. Depois eu ia parar!

CAPÍTULO XXVI – DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

– Só que não podemos colocar preço naquilo que não nos pertence, filho. A mediunidade de cura é dada por Deus para ajudar o próximo. Jesus disse que devemos dar gratuitamente o que recebemos gratuitamente.

Jesus e os apóstolos eram muito pobres, mas não cobravam pelas curas que faziam. Hélio, as curas eram os Amigos Espirituais que faziam, meu filho, não você.

O garoto pôs-se a chorar sentidamente:

– Mãe, eu pedi a Jesus que me desse uma maneira de ajudar as pessoas, fazer algo de bom e de útil para elas. Só que, quando me ofereceram dinheiro, o interesse fez com que eu aceitasse.

– Exatamente. Então, procure ajudar de outro modo.

– Como?

– Você encontrará uma maneira. Observe as pessoas e veja o que elas precisam.

A partir desse dia, Hélio passou a observar os colegas, as pessoas da rua, os vizinhos, e descobriu que todos precisavam de ajuda. Havia colega que não entendia matemática, e ele se dispôs a ensinar; quando batiam à porta de sua casa precisando de alimentos ou de roupas, ele dava; um vizinho estava triste por ter perdido a esposa e Hélio passava horas a consolá-lo, explicando que ninguém morre e que, um dia, ele teria notícias da esposa. E assim por diante.

Logo ninguém mais se recordava daquela época em que Hélio podia curar, mas se lembravam dele como o colega prestativo, o vizinho carinhoso que gostava de ouvir as pessoas, de ajudar a mãe que precisava sair, tomando conta de uma criança, ou o garoto que estava sempre disposto a ajudar os necessitados que passavam pela rua.

Mas a mãe, observando as ações de Hélio, como ele se dedicava ao próximo, às vezes dizia ao filho:

– Continue assim, meu filho. E, quem sabe, um dia, você possa voltar a curar?

MEIMEI

Estudo sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 19 – 22/08/2007

O Consolador – (Thiago Bernardes)

I. Dom de curar

Mediunidade conceito e tipos

Que é ser médium

1. Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos.

2. Apesar disso, só chamamos de médiuns aqueles em que a faculdade mediúnica se mostra caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

3. A percepção das influências espirituais se dá pelo fenômeno mental da sintonia, ou seja, nossa mente, sendo um núcleo de forças inteligentes, gera pensamentos plasmados que, ao se exteriorizarem, entram em comunhão com as faixas de ideias do mesmo teor vibratório, estabelecendo-se, assim, a sintonia mediúnica. Atraímos os Espíritos que se afinam conosco, tanto quanto somos por eles atraídos.

Mediunidade e Doutrina Espírita

4. Achando-se a mente na base de todas as manifestações mediúnicas, é imprescindível enriquecer o pensamento, incorporando-lhe tesouros morais e culturais. A mediunidade, pois, não basta por si mesma. Sendo uma faculdade própria da espécie humana, ela existe desde as épocas mais remotas, mas foi somente na Doutrina Espírita que ela encontrou um sentido mais elevado e disciplinado.

5. Como os historiadores informam, Sócrates referia-se ao amigo invisível que o acompanhava constantemente. Plutarco reporta-se ao encontro que Bruto teve certa noite com um de seus perseguidores desencarnados. Pausânias, no templo de Minerva, em Roma, ali condenado a morrer de fome, aparecia e desaparecia aos olhares de circunstantes assombrados, durante largo tempo. Nero, nos últimos dias de seu reinado, viu-se fora do corpo carnal, junto de Agripina e de Otávia, sua genitora e esposa, ambas assassinadas por sua ordem, a lhe pressagiarem a queda no abismo.

6. Com o advento do Cristianismo, a mediunidade atingiu a sublimação com as manifestações provocadas por Jesus e, mais tarde, por seus apóstolos. E na Idade Média prosseguiu vitoriosa nos feitos de Francisco de Assis, nas visões de Lutero e nos desdobramentos de Tereza d'Ávila, para culminar, nos tempos modernos, nas prodigiosas manifestações de Swedenborg.

7. O dom mediúnico, por ser uma conquista evolutiva da Humanidade, não deve se limitar a mera produção de fenômenos. O médium consciente de seu papel precisa buscar disciplina e iluminação íntimas, para tornar-se um instrumento de progresso, com vistas à felicidade própria e coletiva.

Tipos de Mediunidade

8. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para determinados fenômenos, do que resulta uma variedade muito grande de manifestações. As principais variedades de médiuns são: médiuns de efeitos físicos, médiuns sensitivos ou impressionáveis, médiuns audientes, médiuns videntes, médiuns sonambúlicos, médiuns curadores, médiuns pneumatógrafos e médiuns escreventes ou psicógrafos.

9. Os médiuns de efeitos físicos são aptos a produzir fenômenos materiais, como o movimento de corpos inertes, ruídos, pancadas, vozes diretas, materializações, transportes, etc. A mediunidade de efeitos físicos foi muito comum no surgimento do Espiritismo, com o objetivo de chamar a atenção dos encarnados para as coisas do Além, tal como ocorreu em Hydesville e depois na França, em meados do século passado.

10. Os Espíritos que se prestam a esse tipo de manifestação geralmente são de pouca evolução. Na verdade, são mais levianos do que maus, que se riem dos terrores que causam, agarrando-se

CAPÍTULO XXVI – DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

a um indivíduo ou a um lugar por mero capricho ou com o propósito de se comunicarem com certas pessoas, para lhes dar algum aviso ou pedir alguma coisa.

11. Médiuns sensitivos ou impressionáveis são as pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão vaga, por uma espécie de leve roçadura sobre todos os seus membros, não apresentando caráter bem definido, visto que todos os médiuns são mais ou menos sensitivos. Esta faculdade pode adquirir tal sutileza, que aquele que a possui reconhece não só a natureza, boa ou má, do Espírito que está ao lado, mas até a sua individualidade, como o cego reconhece a aproximação de tal ou tal pessoa.

12. Os médiuns audientes ouvem a voz dos Espíritos, algumas vezes uma voz interior, que se faz ouvir no foro íntimo, doutras vezes uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva, podendo até realizar conversação com os Espíritos, que podem ser agradáveis ou desagradáveis, dependendo do nível do Espírito comunicante.

13. Os médiuns falantes transmitem a mensagem espírita através da fala. Os Espíritos atuam sobre o órgão da fala, como atuam sobre a mão dos médiuns escreventes.

14. Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Alguns a possuem no estado normal, ou seja, acordados, lembrando-se do que viram, outros só a possuem em estado sonambúlico, ou próximo do sonambulismo, que quase sempre é efeito de uma crise passageira. Ver os Espíritos durante o sono resulta de uma espécie de mediunidade, mas não constitui, propriamente falando, o que se chama vidência.

15. Médiun sonambúlico é aquele que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. Muitos sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com precisão, como os médiuns videntes. Podem conversar com eles e transmitir-nos seus pensamentos.

16. Médiuns curadores são aqueles que têm o dom de curar pelo simples toque, olhar ou imposição das mãos, sem o uso de medicação. É a ação do magnetismo animal que produz a cura, mas essa faculdade deve ser classificada como mediunidade porque as pessoas que possuem esse dom não agem sozinhos, mas são auxiliados por Espíritos que se dedicam a essa tarefa.

17. Médiuns pneumatógrafos são os que produzem a escrita direta, sem tocarem no lápis ou no papel. Já os médiuns escreventes ou psicógrafos transmitem a mensagem espiritual utilizando lápis e papel.

18. Falando sobre a psicografia, Kardec diz que, de todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, o mais cômodo e o mais completo. Para esse meio devem tender todos os esforços, porquanto ele permite se estabeleçam com os Espíritos relações continuadas e regulares, como as que existem entre nós, e é por ele que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau do seu aperfeiçoamento ou de sua inferioridade.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 159, 160, 164, 165, 166, 167 e 172.)

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (itens 90 e 178.)

André Luiz, Nos Domínios da Mediunidade, (psicografia Chico Xavier), (pág. 18.)

André Luiz, Mecanismos da Mediunidade, (psicografia Chico Xavier), (pág. 13.)

2. Preces pagas.

3. Disse em seguida a seus discípulos, diante de todo o povo que o escutava: — “Precatai-vos dos escribas que se exibem a passear com longas túnicas, que gostam de ser saudados nas praças públicas e de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos festins; que, a pretexto de extensas preces, devoram as casas das viúvas. Essas pessoas receberão condenação mais rigorosa.”

(S. Lucas, cap. XX, vv. 45 a 47; S. Marcos, cap. XII, vv. 38 a 40; S. Mateus, cap. XXIII, v. 14.)

4. Disse também Jesus: não façais que vos paguem as vossas preces; não façais como os escribas que, “a pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas”, isto é, abocanham as fortunas. A prece é ato de caridade, é um arroubo do coração. Cobrar alguém que se dirija a Deus por outrem é transformar-se em intermediário assalariado. A prece, então, fica sendo uma fórmula, cujo comprimento se proporciona à soma que custe. Ora, uma de duas: Deus ou mede ou não mede as suas graças pelo número das palavras. Se estas forem necessárias em grande número, por que dizê-las poucas, ou quase nenhuma, por aquele que não pode pagar? É falta de caridade. Se uma só basta, é inútil dizê-las em excesso. Por que então cobrá-las? É prevaricação.

Deus não vende os benefícios que concede. Como, pois, um que não é, sequer, o distribuidor deles, que não pode garantir a sua obtenção, cobraria um pedido que talvez nenhum resultado produza? Não é possível que Deus subordine um ato de demência, de bondade ou de justiça, que da sua misericórdia se solicite, a uma soma em dinheiro. Do contrário, se a soma não fosse paga, ou fosse insuficiente, a justiça, a bondade e a demência de Deus ficariam em suspenso. A razão, o bom senso e a lógica dizem ser impossível que Deus, a perfeição absoluta, delegue a criaturas imperfeitas o direito de estabelecer preço para a sua justiça. A justiça de Deus é como o Sol: existe para todos, para o pobre como para o rico. Pois que se considera imoral traficar com as graças de um soberano da Terra, poder-se-á ter por lícito o comércio com as do soberano do Universo?

Ainda outro inconveniente apresentam as preces pagas: é que aquele que as compra se julga, as mais das vezes, dispensado de orar ele próprio, porquanto se considera quite, desde que deu o seu dinheiro. Sabe-se que os Espíritos se sentem tocados pelo fervor de quem por eles se interessa. Qual pode ser o fervor daquele que comete a terceiro o encargo de, por ele orar, mediante paga? Qual o fervor desse terceiro, quando delega o seu mandato a outro, este a outro e assim por diante? Não será isso reduzir a eficácia da prece ao valor de uma moeda em curso?

Estudo sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 457 – 20/03/2016

O Consolador – (Altamirando Carneiro)

O que nos é dado de graça

II. Preces pagas

Jesus advertiu com severidade os escribas e fariseus, a quem chamou de hipócritas.

Se compararmos ao que somos hoje, forçosamente admitiremos que os discípulos de Jesus, em que pese a espiritualidade que possuíam, tinham medos e fraquezas semelhantes aos que tem o homem atual.

É fácil chegarmos a esta conclusão ao analisarmos alguns fatos relatados no Evangelho, os quais mostram que a presença constante do Mestre junto aos discípulos era para eles um fator de segurança.

São vários os momentos em que Jesus aconselha, orienta e traça diretrizes aos discípulos, principalmente em momentos próximos à sua partida para o Mundo Espiritual. Esses conselhos e orientações de Jesus estenderam-se à Humanidade, em todos os tempos. “Passarão o Céu e a Terra, mas minhas palavras não passarão”, ele assim nos disse.

Os discípulos de Jesus foram: Simão Bar Jonas, denominado Pedro (desencarnado no ano 67, aos 87 anos); André (irmão de Pedro); Tiago, o Maior (filho de Zebedeu e Salomé), irmão de João Evangelista; João viveu até o ano 70; Tiago, o Menor; Felipe, de Betsaida; Mateus (ou Levi, o cobrador de impostos); Tomé (de Toleimada); Bartolomeu (também chamado Natanael); Judas Tadeu; Judas (de Keriouth); Simão (o zelote). Após a morte de Jesus, Matias substituiu Judas, por sorteio.

Todos tinham entre 20 e 30 anos. Simão e Judas possuíam instrução e cultura semelhante à dos rabinos; Mateus conhecia contabilidade. Um ponto que unia todos era o idealismo, a fé, a sinceridade e a fidelidade a Jesus.

A missão dos 12

Dentre os conselhos que Jesus deu aos seus discípulos e conseqüentemente ao homem da Terra, destacamos este:

“Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai”. (Mateus, 10-8. “Os doze e sua missão”).

Jesus nos advertiu de que não devemos cobrar pelos nossos dons espirituais, recebidos de graça. Os dons são concedidos por Deus, que nada nos cobra por eles.

Portanto, Deus não nos vende os seus benefícios. Ele nos concede esses benefícios. “Deus é a perfeição absoluta, não pode delegar a criaturas imperfeitas o direito de estabelecer preços para a sua justiça” – O Evangelho segundo o Espiritismo (Edições FEESP), capítulo XXVI (Dar, de graça o que de graça receber).

A mediunidade, um dom divino, não pode ser usada com fins comerciais. Pois assim, ela se torna uma profissão. E o médium seria, com isso, simples assalariado de Deus.

A esse respeito, o capítulo citado diz: “Que aquele, pois, que não tem do que viver, procure outros recursos que não os da mediunidade; e que não lhe consagre, se necessário, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos levarão em conta o seu devotamento e os seus sacrifícios, enquanto que se afastarão dos que pretendem fazer da mediunidade um meio de subir na vida”.

Prece, um ato de amor

Jesus advertiu os escribas e fariseus: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que devorais as casas das viúvas, sob pretexto de longas orações, por isso sofrereis mais rigoroso juízo” (Mateus, 23-14).

CAPÍTULO XXVI – DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

Para melhor entendermos por que o Mestre fez essa advertência, vejamos quem foram os escribas e os fariseus.

Escribas era o nome dado, a princípio, àqueles que tinham a tarefa de escrever as leis e explicá-las. Depois, o nome foi aplicado aos doutores da lei, que ensinavam a lei de Moisés e a explicavam ao povo.

Os escribas comungavam dos mesmos princípios dos fariseus, nome derivado do hebraico *parash* – divisão. Essa seita tinha como chefe Hilel, um doutor judeu nascido na Babilônia, fundador de uma escola que ensinava que a fé só era dada pelas Escrituras.

A origem da seita seria de 180 a 200 a. C.. Os fariseus foram perseguidos em diversas épocas, principalmente sob o domínio de Hircânio, sumo sacerdote e rei dos judeus; foram também perseguidos sob o domínio dos reis da Síria, Aristóbolo e Alexandre; este último lhes restituiu a honra e os bens; então os fariseus recuperaram o poder e o conservaram até a ruína de Jerusalém, no ano 70 da era cristã.

Os fariseus acreditavam na imortalidade da alma, exerciam papel ativo nas controvérsias religiosas, cultivavam dogmas, cultos, cerimônias. Eram hipócritas e falsos e usavam a religião como meio de promoção pessoal.

Mantinhavam-se o mais longe possível dos outros homens. Não comiam, por exemplo, com um não fariseu, um alimento do qual não tivesse sido pago o dízimo (a décima parte oferecida a Deus). Exerciam influência sobre o povo e eram vistos como santos.

Jesus os repreendeu e chamou-lhes a atenção no sentido de que a prece é um ato de amor e de caridade, um impulso do coração e que não pode ser cobrada; e que a prece não pode se transformar em uma fórmula, cobrada de acordo com o tamanho.

Diz O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo citado:

“As preces pagas têm ainda outro inconveniente: é que aquele que as compra se julga, no mais das vezes, dispensado de orar por si mesmo, pois se considera livre dessa obrigação, desde que deu o seu dinheiro. Sabemos que os Espíritos são tocados pelo fervor do pensamento dos que se interessam por eles. Mas qual pode ser o fervor daquele que paga a um terceiro para orar por ele? E qual o fervor desse terceiro, quando delega o mandato a outro, e este a outro, e assim por diante? Não é isso reduzir a eficácia da prece ao valor da moeda corrente?”

Estudo metódico do Pentateuco Kardequiano

II. Preces pagas

Nº 326 – 25/08/2013

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Evangelho segundo o Espiritismo

Texto para leitura

334. Se Deus houvesse isentado do trabalho do corpo o homem, seus membros se teriam atrofiado; se o houvesse isentado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal. Por isso é que lhe fez do trabalho uma necessidade e lhe disse: “Procura e acharás; trabalha e produzirás. Dessa maneira serás filho das tuas obras, terás delas o mérito e serás recompensado de acordo com o que hajas feito.”

(Cap. XXV, item 3.)

335. Os Espíritos não vêm isentar o homem da lei do trabalho: vêm unicamente mostrar-lhe a meta que lhe cumpre atingir e o caminho que a ela conduz, dizendo-lhe: Anda e chegarás. Toparás com pedras; olha e afasta-as tu mesmo. Nós te daremos a força necessária, se a quiseres empregar.

(Cap. XXV, item 4.)

336. “Não acumuleis tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrões os desenterram e roubam; acumulai tesouros no céu, onde nem a ferrugem, nem os vermes os comem; porquanto onde está o vosso tesouro aí está também o vosso coração. Eis por que vos digo: Não vos inquieteis por saber onde achareis o que comer para sustento da vossa vida, nem de onde tirareis vestes para cobrir o vosso corpo. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes?”

(Mateus, VI, 19 a 34.) (Cap. XXV, item 6.)

337. “Observai os pássaros do céu: não semeiam, não ceifam, nada guardam em celeiros; mas, vosso Pai celestial os alimenta. Não sois muito mais do que eles? Por que também vos inquieteis pelo vestuário? Observai como crescem os lírios dos campos; não trabalham, nem fiam; entretanto, eu vos declaro que nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles. Ora, se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira a erva dos campos, que existe hoje e amanhã será lançada na fomalha, quanto maior cuidado não terá em vos vestir, ó homens de pouca fé!” (Mateus, VI, 19 a 34.) (Cap. XXV, item 6.)

338. “Não vos inquieteis, pois, dizendo: Que comeremos? ou: Que beberemos? ou: De que nos vestiremos? como fazem os pagãos, que andam à procura de todas essas coisas; porque vosso Pai sabe que tendes necessidade delas. Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, que todas essas coisas vos serão dadas de acréscimo. Assim, pois, não vos ponhais inquietos pelo dia de amanhã, porque o amanhã cuidará de si. A cada dia basta o seu mal.”

(Mateus, VI, 19 a 34.) (Cap. XXV, item 6.)

339. A Providência nunca deixa ao abandono os que nela confiam, querendo, todavia, que esses, por seu lado, trabalhem. Se ela nem sempre acode com um auxílio material, inspira as ideias com que se encontram os meios de sair da dificuldade.

(Cap. XXV, item 7.)

340. Deus conhece as nossas necessidades e a elas provê, como for necessário. O homem, porém, insaciável nos seus desejos, nem sempre sabe contentar-se com o que tem: o necessário não lhe basta; reclama o supérfluo. (Cap. XXV, item 7.)

CAPÍTULO XXVI – DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

341. A Providência, então, o deixa entregue a si mesmo. Frequentemente, ele se torna infeliz por culpa sua e por haver desatendido à voz que por intermédio da consciência o advertia. Nesses casos, Deus fá-lo sofrer as consequências, a fim de que lhe sirvam de lição para o futuro.

(Cap. XXV, item 7.)

342. Quando a fraternidade reinar entre os povos, como entre as províncias de um mesmo império, o momentâneo supérfluo de um suprirá a momentânea insuficiência do outro; e cada um terá o necessário. O rico, então, considerar-se-á como um que possui grande quantidade de sementes; se as espalhar, elas produzirão pelo cêntuplo para si e para os outros; se, entretanto, comer sozinho as sementes, se as desperdiçar e deixar se perca o excedente do que haja comido, nada produzirão, e não haverá o bastante para todos. Se as amontoar no seu celeiro, os vermes as devorarão.

(Cap. XXV, item 8.)

343. É por isso que Jesus disse: “Não acumuleis tesouros na Terra, pois que são perecíveis; acumulai-os no céu, onde são eternos.” Em outros termos: não ligueis aos bens materiais mais importância do que aos espirituais e sabeis sacrificar os primeiros aos segundos.

(Cap. XXV, item 8.)

344. A caridade e a fraternidade não se decretam em leis. Se uma e outra não estiverem no coração, o egoísmo aí sempre imperará. Cabe ao Espiritismo fazê-las penetrar nele.

(Cap. XXV, item 8.)

Questões propostas

A. Que posição devemos tomar, como espíritas, ante os que não pensam como nós?

R. Quanto aos que não os quisessem ouvir, Jesus recomendou a seus apóstolos, pura e simplesmente, que se fossem embora, à procura de pessoas de boa vontade. A mesma conduta recomenda o Espiritismo a seus adeptos: não violentemos nenhuma consciência; a ninguém forcemos para que deixe a sua crença, a fim de adotar a nossa; não procuremos anatematizar os que não pensam como nós; acolhamos os que venham ter conosco e deixemos tranquilos os que nos repelem. Lembremo-nos, por fim, das palavras do Cristo: Outrora, o céu era tomado com violência; hoje o é pela brandura.

(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXV, item 11.)

B. Será válido cobrar pelas curas e preces feitas a outrem?

R. Não. O ensinamento dado por Jesus a esse respeito é muito claro: “Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido”.

(Obra citada, cap. XXVI, itens 1 e 2.)

C. Qual o mérito das preces pagas?

R. A prece é ato de caridade, é um arroubo do coração. Cobrar alguém que se dirija a Deus por outrem é transformar-se em intermediário assalariado. Deus não vende os benefícios que concede. Como, pois, um que não é, sequer, o distribuidor deles, que não pode garantir a sua obtenção, cobraria um pedido que talvez nenhum resultado produza? Não é possível que Deus subordine um ato de clemência, de bondade ou de justiça, que da sua misericórdia se solicite, a uma soma em dinheiro. Obviamente, nenhum mérito haverá nisso, nem da parte de quem paga e muito menos da parte de quem recebe.

(Obra citada, cap. XXVI, itens 3 e 4.)

CAPÍTULO XXVI – DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

D. Qual o grande inconveniente das preces pagas?

R. O grande inconveniente das preces pagas é julgar-se aquele que as compra dispensado de orar ele próprio, porquanto se considera quite, desde que deu o seu dinheiro. Sabe-se que os Espíritos se sentem tocados pelo fervor de quem por eles se interessa. Qual pode ser o fervor daquele que comete a terceiro o encargo de, por ele orar, mediante paga? Qual o fervor desse terceiro, quando delega o seu mandato a outro, este a outro e assim por diante? Não será isso reduzir a eficácia da prece ao valor de uma moeda em curso?

(Obra citada, cap. XXVI, item 4.)

Especial

Nº 73 – 14/09/2008

O Consolador – (Arthur Bernardes de Oliveira)

II. Preces pagas

A caridade desinteressada nas advertências do Cristo

Jesus exortou-nos que fôssemos perfeitos em tudo o que fizéssemos, fazendo as coisas que nos competem da melhor maneira possível, sem esquecer de dar, de graça ao próximo o que de graça recebemos.

Jesus já havia repisado todas as advertências que ele julgara mais necessárias aos discípulos e que deviam constituir a base de seu ensino, direcionado a todos que o quisessem seguir.

Na parábola do julgamento, em que o Divino Senhor separa bodes de um lado e ovelhas do outro, deixara claro que o único caminho capaz de resolver o problema da paz entre os homens era o da caridade porque **“fora da caridade não há como crescer.”**

Insistira nisso com a bela imagem expressa na recomendação de que não deixássemos que **a mão esquerda soubesse o que a direita estava entregando ao próximo.** “Não saiba a mão esquerda o que dá a vossa mão direita.”

Significando isso que não ficássemos murmurando, arrependidos, sobre todo o bem que houvéssemos feito ao nosso semelhante. Tal qual o caso, que Machado de Assis relata, do comerciante rico e do mujique nas terras geladas da Rússia. “Quando o cavalo disparou, o comerciante pensou que fosse morrer. Nada retinha no seu galope. Se caísse fatalmente morreria. A cabeça batera nas pedras; inevitáveis o traumatismo craniano e a morte ao final. Eis senão quando surge um mujique que, corajosamente, se antepõe ao cavalo, segura-o pelo cabresto e o faz parar de correr. Foi um milagre! O comerciante, agradecido, tira da carteira uma nota de mil rublos e, agradecendo muito, passa-a ao camponês. O coitado quase caiu de susto. Nunca vira uma nota como aquela! E saiu pulando feliz, louco pra chegar em casa e mostrar pra mulher e pros filhos a dádiva recebida. Mil rublos! Uma fortuna!

O comerciante, ao vê-lo partir feliz, começou a pensar. “Acho que dei dinheiro demais. Mil rublos? – Por que não 500? Ou 200? – Talvez o pobre ficasse feliz com 100. Ou menos. Quem sabe, 10? – Ele ganha cinco rublos por dia – É acho que acabei dando dinheiro demais.”

Isso costuma acontecer com a gente. Na hora do entusiasmo a gente dá generosamente. Depois se arrepende. E começa a sofrer. Aconteceu comigo. Ninguém me convidava para ser padrinho de casamento. Meu irmão era padrinho de todo mundo. Eu já estava acostumado. Casamento? Já sei: meu irmão estará lá. Padrinho de novo. Eu já estava ficando complexado. Será que eu não sirvo para padrinho de casamento? Surpresa! Um dia apareceu um. Fiquei feliz. E prometi logo ao noivo: “dou-te uma geladeira!”.

Gente, uma geladeira naquela época era um presente. Hoje, não. Depois que surgiu a Casa Bahia, ela desmoralizou o presente. Qualquer um pode comprar lá uma geladeira pagando 20 reais por mês. Mas naquela época não.

Me arrependi logo. Mas tive que cumprir o prometido. E tome sofrimento.

Mais ou menos como diz Arthur Riedel, no seu livrinho admirável: “há pessoas que acreditam que quem dá aos pobres empresta a Deus, mas costumam querer saber o que Deus vai fazer com o empréstimo”. Um cidadão pede um real para comprar um pão. A gente dá, mas logo adverte: “Olhe lá, estou dando para você comprar o pão. Não vá tomar cachaça não, ouviu?”

“Ao que se sabe, depois de Jesus não apareceu ninguém que ressuscitasse mortos”

Outros há que dão uma oferta à Igreja, ou a uma instituição beneficente, e compram um bilhete de loteria, pensando que vão ter a recompensa divina abocanhando o primeiro prêmio.

CAPÍTULO XXVI – DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

Outros deixam para dar na hora da morte, quando não têm mais como usufruir da fortuna acumulada, e a morte está batendo à porta. Fazem, então, um testamento deixando tanto para o Hospital, tanto para o Asilo, tanto para o Orfanato, tanto para a APAE. Deixam, porque não podem levar.

Já nos havia Jesus advertido, também, sobre a presença, **sempre**, em todos os momentos da história, dos chamados **falsos cristos e falsos profetas** que, utilizando-se da boa fé das pessoas, conduzem-nas para a decepção e a desventura. Não apenas os que se servem da religião, conduzindo pessoas como rebanhos inconscientes para aventuras nefandas ou crimes inimagináveis. Falsos cristos e falsos profetas, também, na filosofia, na ciência, na política, na indústria, no comércio, na educação, na saúde, em toda parte. Sempre os houve. Exploradores e explorados. Por isso nos recomendou fôssemos prudentes como as serpentes e não acreditássemos em todos os profetas, verificando antes se eles eram profetas de Deus, pela análise de suas obras.

Exortou-nos que fôssemos perfeitos em tudo o que fizéssemos. Tal qual o Pai, que é perfeito em tudo em que o seu poder se manifesta.

Essa perfeição a que Jesus se referia é uma perfeição relativa. Significa fazermos tudo o que nos cabe fazer da melhor maneira possível. Não deixarmos nada sem fazer, ou fazer as coisas pela metade, por causa da pressa ou de outro motivo qualquer. É pra fazer? Então façamos da melhor maneira que nós sabemos. Demos o melhor de nós. Melhor, nós não saberíamos fazer. É isso que ele quer de nós.

Como coroamento, a recomendação final: “restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes”.

Um parêntese sobre o **“ressuscitai os mortos”**. Ao que se sabe, depois de Jesus não apareceu ninguém que ressuscitasse mortos. Parece que Pedro conseguiu isso uma vez. Houve, sim, depois deles casos de pessoas aparentemente mortas que, de repente, sem que ninguém participasse do fato, voltassem à vida. A literatura registra alguns casos. Interessante é o que aconteceu com uma figura conhecida nos meios literários. O Abade Prévost, autor do polêmico livro “Manon Lescaut”, já estava na mesa para o trabalho de necrópsia, quando, sob o bisturi do cirurgião, readquiriu as energias vitais e acabou se salvando.

“Ninguém pode fazer da mediunidade profissão, porque ninguém é dono dos espíritos”

Outro caso patético é o do célebre poeta Scotto. Ele era cataléptico. Foi enterrado vivo durante uma crise, na ausência do servo que sabia de sua doença. Tirado da sepultura, seus familiares verificaram que morrera sufocado, tendo mordido, desesperadamente, os lábios.

De morte igual, morreram médicos, poetas, reis e imperadores, sem falar dos supostos mortos enterrados apressadamente nos horrores das epidemias e das guerras.

Emmanuel, em **Renúncia**, nos fala sobre o drama que foi, na França do Século XVII, a chegada da varíola aos lares franceses. Não se esperava a pessoa morrer. Enterrava-se logo com medo de a doença alastrar. Muita gente foi enterrada viva.

Kardec aproveitou a recomendação de Jesus e, no mesmo capítulo XXVI, tratou de preces pagas, lembrando a advertência do Mestre sobre o mau hábito dos escribas que, a pretexto de orar, devoravam as casas das viúvas.

Tratou ainda do episódio da expulsão dos que vendiam coisas dentro do Templo, num desrespeito flagrante à Casa do Senhor.

Mas a grande mensagem do capítulo é para o comportamento dos médiuns. Nenhum médium, de nenhuma forma, seja por motivo que for, deve obter vantagem financeira ou social do dom que Deus lhe deu para utilização em seu trabalho a favor da Humanidade.

Ninguém pode fazer da mediunidade profissão. Por uma razão simples. Ninguém é dono dos espíritos. Eles são independentes. Vêm quando querem e quando podem. Não há força humana

CAPÍTULO XXVI – DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

capaz de garantir uma comunicação. Foi graças ao mediunismo profissional que proliferaram casos de fraudes que tanto mal fizeram à divulgação e aceitação da Doutrina. Humberto de Campos conta-nos a história dramática de um médium brasileiro.

Azarias era mecânico de automóvel. Grande mecânico e notável médium.

Como sempre acontece, em torno de médiuns assim, nasce a adoração e abundam frequentadores insaciáveis.

Pessoas interessadas no favor dos espíritos envolvem o médium e o elogiam, e presenteiam, e bajulam e acabam por deles se tornarem donos.

Querem utilizá-los, por isso, a qualquer hora. Vai-se a disciplina.

Com Azarias deu-se que os tais “irmãos”, para tê-lo permanentemente à sua disposição, tiraram-no do emprego e lhe fizeram um salário.

Cada irmão comparecia com uma parcela do salário ajustado.

No princípio funcionou.

Com o tempo, um para de contribuir; depois outro; após, mais outro e daí a pouco está Azarias sem a ajuda dos patrocinadores e sem o emprego que perdeu.

As dificuldades, rápido, batem à porta.

Falta comida em casa.

A luz, não paga, se apagou.

O aluguel também.

E as dificuldades se instalaram.

Até que Azarias aceita o primeiro pagamento.

Depois outro, mais outro.

Em pouco tempo a desmoralização e o abandono.

Os próprios companheiros que tanto o bajularam antes e que, afinal, foram os principais responsáveis pela sua derrocada, são os que agora dele falam mal abertamente.

A obsessão se instala.

E o fim amargo se aproxima.

3. Mercadores expulsos do templo.

5. Eles vieram em seguida a Jerusalém, e Jesus, entrando no templo, começou por expulsar dali os que vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombos; e não permitiu que alguém transportasse qualquer utensílio pelo templo. Ao mesmo tempo os instruíu, dizendo: Não está escrito: Minha casa será chamada casa de oração por todas as nações? Entretanto, fizestes dela um covil de ladrões! — Os príncipes dos sacerdotes, ouvindo isso, procuravam meio de o prenderem, pois o temiam, visto que todo o povo era tomado de admiração pela sua doutrina.

(S. Marcos, cap. XI, vv. 15 a 18; — S. Mateus, cap. XXI, vv. 12 e 13.)

6. Jesus expulsou do templo os mercadores. Condenou assim o tráfico das coisas santas sob qualquer forma. Deus não vende a sua bênção, nem o seu perdão, nem a entrada no reino dos céus. Não tem, pois, o homem, o direito de lhes estipular preço.

Crônicas e Artigos

Nº 220 – 31/07/2011

O Consolador – (Davilson Silva)

III. Mercadores expulsos do templo

Homem tumultua e atrapalha negócios no templo

Quem sabe se o título deste texto não seria o mesmo de alguma manchete de jornal, se a imprensa tivesse sido inventada antes de certa passagem evangélica? Já ouvi de alguns: “Paciência tem limite, e até Deus não teve paciência, expulsando os camelôs do Templo”. Imaginemos Jesus, considerado Deus segundo o “mistério” da “Santíssima Trindade”, furioso.

Jesus expulsou comerciantes do Templo de Jerusalém, derrubando mesas de cambistas e cadeiras de vendedores de pombos, contam autores do Evangelho. Consoante eles, Jesus teria dito que a Sua casa, ou seja, o principal templo de Jerusalém, era “casa de oração”, e não “covil de salteadores”.

(1) Expulsar significa a bem-dizer: **“fazer sair por castigo ou violência do lugar onde estava”**, de acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

Quem já viu na TV ou presenciou fiscais da prefeitura de São Paulo, do Rio de Janeiro e de outras cidades brasileiras expulsar camelôs das ruas, com o apoio da tropa de choque da polícia, sabe do que falamos. Ora, quem expulsa, e ainda por cima derruba tudo pela frente, não o faz com ternura. Expulsar, verbo transitivo direto e circunstancial, não dá ideia de um ato sereno. A narrativa de Mateus e de Marcos relata um Jesus colérico contra um bando de comerciantes gananciosos que teriam desrespeitado um lugar sacro. (Lucas, conciso, não descreve Jesus derrubando sequer uma mesa, uma cadeira.)

Um indivíduo encolerizado é o que reage feito bicho furioso, voltando-se contra tudo, descontando na natureza bruta, em objetos que despedaça, e contra todos, aqueles que o aborreceram. De acordo com certo Espírito Protetor, trata-se de um “acesso de demência passageira” de quem assim reage.

(2) Pessoas ponderadas, calmas jamais terão ataques momentâneos de cólera por perder a paciência em face de uma contrariedade. O colérico propende sempre para esse desregramento mental, que se movimenta no limo oculto do ódio, um dos mais abjetos defeitos da natureza humana.

Jesus assinou a própria sentença

Mas por que Jesus teria ficado tão indignado, conforme narrativa dos dois evangelistas? Bem. Dizem historiadores, pesquisadores dos evangelhos, que o Templo de Jerusalém era o centro econômico, político e religioso da Palestina. Alegam que Jesus teria provocado a ira do clero e, portanto, assinado a própria sentença no instante em que se pronunciou contrário à prática do ágio de 8%. Esse ágio era cobrado por cambistas, sob anuência dos seus mais ferrenhos inimigos, durante o comércio de datas especiais nas dependências do Templo, quando ali realizavam diversas oferendas e sacrifícios conhecidas como o korbanot. Sendo a procura maior que a oferta, tetradracmas tírias eram convertidas em moedas correntes, moedas pagãs cunhadas em Tiro, Fenícia (hoje Líbano). E não era só Jesus que discordava: alguns judeus, frequentadores daquele mesmo espaço religioso, também reprovavam a compra e venda da moeda, no entender deles, “impura e inflacionária”.

Alguns judeus achavam um escândalo o fato de os sacerdotes fazerem vistas grossas à referida transação. Conforme historiadores, os líderes religiosos do Templo viam e fingiam que não viam fazerem do dinheiro oficializado a moeda que numa face mostrava a imagem de Melkart, deus protetor dos tirenses, e na outra, a águia de Júpiter, principal deus dos romanos.

CAPÍTULO XXVI – DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

No tempo de Jesus, nas comemorações de datas religiosas, sobretudo na Páscoa, chegavam a imolar mais de 250 mil cordeiros. Os fiéis eram constrangidos a submeter objetos de oferenda ao “controle de qualidade do Templo”, de acordo com as regras de pureza descritas no Livro de Levítico. As oferendas, tais como bois, cordeiros, pombos, etc., eram sempre rejeitadas; em verdade, o “controle” era mais um procedimento acintoso para forçar os fiéis do Templo a comprá-los de familiares de sacerdotes ou de comerciantes ligados a eles. Por exemplo: um pombo, o mais barato artigo de oferenda, tinha valor cem vezes mais que o preço normal, isto é, um denário equivalente ao salário pago por um dia de trabalho.

Minha casa será chamada casa de oração

Quanto a minha casa será chamada casa de oração, por que um recinto tão luxuoso, de tanta politicagem, de tanta ganância como o do Templo de Jerusalém, situado no Monte Moriá, também chamado Monte do Templo, ao Norte do Monte Sião, seria necessariamente “casa de oração” de Jesus? Além do mais, Seus adversários, os vigários, os escribas e os maiores do povo dali não desejavam matá-lo? (3)

A casa de oração de Jesus representava o Monte das Oliveiras ou a residência de um amigo, ou a de um simpatizante, a margem de um lago ou um cenário da natureza. Com todo o respeito a templos de quaisquer religiões, de quaisquer seitas e a sacerdotes, Jesus nunca exigiu, sequer insinuou louvores a Ele em templo algum de quem quer que seja. Os homens é que inventaram essas coisas, fazendo as pessoas acreditarem que templos majestosos, altares e nichos floridos seriam imprescindíveis e sacerdotes, homens especiais, com ou sem vestes talaras enfeitadas de ouro e pedras preciosas, de crucifixo pendurado no pescoço.

Concluindo

Teria mesmo Jesus hostilizado os comerciantes do Templo de Jerusalém? O bom senso diz que não. Atribuíram-No um comportamento no mínimo incoerente com a Sua inteligência, fraternidade, afabilidade e doçura. O Meigo Nazareno não faria nada daquilo contra os mercadores do Templo, tampouco tomou de um chicote como mostra uma tela de El Greco, do século 17; Jesus também jamais faria oposição de interesses mundanos ao clero da Sua época.

O Jesus até aqui referido é exatamente Aquele que proclamou: **“Bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a Terra”**. (4) Para nós, Ele significa a maior luz descida a este mundo (5), o mesmo que estabeleceu como lei a doçura, a prudência, a mansuetude, a benevolência e a paciência. Não! O nosso Jesus, não. Jamais o Jesus dos espíritas teria agido daquele jeito, ainda que achemos tremendo absurdo um desrespeito fazer de quaisquer espaços religiosos um âmbito de intolerância, de hostilidades a pessoas, e instituições, além de lugar de interesses políticos, de falcatruas, de culto à vaidade, de comércio em benefício próprio ou de um grupo.

Notas:

(1) (**Mateus**, 21: 12 e 13; **Marcos**, 11: 15-17; **Lucas**, 19: 45 e 46.)

(2) **Kardec Allan**. O evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. 9, p. 130, item 9.)

(3) **Marcos**, 11:18.

(4) **Kardec Allan**, O evangelho segundo o espiritismo, (Cap. 9 p. 127, item 1 a 5.)

(5) **Kardec Allan**, O livro dos espíritos, (p. 223, questão 625.)

Crônicas e Artigos

Nº 384 – 12/10/2014

O Consolador – (André Luiz Alves Jr.)

III. Mercadores expulsos do templo

Jesus foi agressivo no episódio da Purificação do Templo?

“E entrou Jesus no templo de Deus, e expulsou todos os que vendiam e compravam no templo, e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas; e disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; mas vós a tendes convertido em covil de ladrões”

(Mateus, 21:12-13)

O acontecimento conhecido como a **“Purificação do Templo”** é narrado pelos quatro apóstolos, autores dos evangelhos canônicos. A referida passagem é no mínimo curiosa, pois descreve uma suposta ira de Jesus, em seu primeiro grande ato público após ser batizado por João Batista.

Na ocasião, como descreve a Bíblia, Jesus teria se irritado com a presença de vendilhões que negociavam diversos produtos no Templo de Jerusalém, expulsando-os do recinto.

“Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de Meu Pai casa de negócio. Lembraram-se os Seus discípulos de que está escrito: O zelo da Tua casa Me consumirá.”

(João, 2:14-17)

Os relatos destacam que o Nazareno derrubou mesas e moedas e ainda espantou os animais que eram comercializados, utilizando um cordel.

Este evento causa-nos certa estranheza, pois produz uma conotação agressiva com relação à atitude de Jesus, a única nessas características, anotada pelos apóstolos, em todo o seu ministério.

Mas será que Jesus, de fato, foi agressivo nesta situação?

Cairbar Schutel, em seu livro **“O Espírito do Cristianismo”**, nos mostra o caminho para compreender a questão:

“Para que se compreenda bem esse ato, de aparência agressiva, é preciso que nos reportemos àquela era e examinemos, sem espírito preconcebido, os princípios da Lei que regiam o povo, os costumes religiosos degenerados pela classe sacerdotal em vil mercancia, a ponto de haver sido convertido o Templo de Jerusalém em covil de salteadores”.

(Cairbar Schutel – O Espírito do Cristianismo – A Purificação do Templo.)

O fato era que o Templo de Jerusalém estava perdendo seu aspecto religioso para dar lugar ao comércio e à corrupção do povo e dos sacerdotes locais, justificando assim uma postura mais enérgica de Jesus para combater tais desvios. Se o Mestre não tivesse adotado este posicionamento, talvez a essência espiritual do templo se perderia por completo. Cristo certamente não adotou uma conduta agressiva, mas manteve-se firme em sua atitude, para que as pessoas compreendessem a gravidade da situação.

Podemos considerar esta passagem, portanto, como uma encenação literária, muito utilizada por Jesus para transmitir suas mensagens à mente humana ainda limitada. Aliás, esse tipo de comunicação gestual era uma característica dos profetas da época. Podemos citar várias passagens bíblicas que demonstram uma encenação literária, como, por exemplo, a profetização de Ágabo da prisão de Paulo de Tarso:

“Desceu da Judeia um profeta, de nome Ágabo; e vindo ter conosco, tomou a cinta de Paulo e, ligando os seus próprios pés e mãos, disse: Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus ligarão em Jerusalém o homem a quem pertence esta cinta, e o entregarão nas mãos dos gentios”.

(Atos 21. 10-11)

CAPÍTULO XXVI – DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

Esta encenação literária foi empregada pelo profeta Ágabo, para anunciar de maneira antecipada a prisão de Paulo. Portanto, era natural na época este tipo de linguagem.

A pedagogia utilizada por Cristo era muito peculiar, os próprios textos bíblicos são carregados de alegorias e conotações diversas. Recordemo-nos das parábolas.

Em nenhum momento as escrituras sagradas rotulam a atitude do Messias como agressiva, todavia, cada um assimila os textos de acordo com sua capacidade de entendimento. A nossa compreensão é limitada frente aos ensinamentos de Jesus, isto justifica as divergências nas interpretações bíblicas a que assistimos por aí.

Por fim, submetendo a questão ao crivo da razão, chegaremos à conclusão de que Jesus não teria adotado tal conduta, pois Ele é um Espírito puro, como nos demonstra a Codificação Espírita:

625. Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo?

“**Vede Jesus.**” (Allan Kardec – O Livro dos Espíritos.)

Se analisarmos então a característica de um Espírito puro, veremos que há predomínio do espírito sobre a matéria (quando encarnado), além da superioridade moral e intelectual sobre os demais:

Primeira ordem. - Espíritos puros

112) CARACTERES GERAIS – Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos Espíritos das outras ordens. (Allan Kardec – O Livro dos Espíritos.)

Se Jesus é um Espírito puro, conseqüentemente, não manifestaria paixões inferiores como a raiva e a agressividade, nem mesmo encarnado, pois Espíritos pertencentes a essa ordem já expurgaram de seu íntimo este tipo de sentimento, que é uma característica humana.

Então, podemos concluir que a agressividade atribuída ao comportamento de Jesus na Purificação do Templo é apenas uma questão de interpretação.

Referências:

A Bíblia Sagrada.

Schutel Cairbar, O Espírito do Cristianismo.

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos.

4. Mediunidade gratuita.

7. Os médiuns atuais – pois que também os apóstolos tinham mediunidade – igualmente receberam de Deus um dom gratuito: o de serem intérpretes dos Espíritos, para instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, a eles médiuns, visto que não são fruto de suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seus trabalhos pessoais. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre fique dela privado e possa dizer: não tenho fé porque não pude pagar; não tive o consolo de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição os que pranteio, porque sou pobre. Tal a razão por que a mediunidade não constitui privilégio e se encontra por toda parte. Fazê-la paga seria, pois, desviá-la do seu providencial objetivo.

8. Quem conhece as condições em que os bons Espíritos se comunicam, a repulsão que sentem por tudo o que é de interesse egoístico, e sabe quão pouca coisa se faz mister para que eles se afastem, jamais poderá admitir que os Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que apareça e os convoque a tanto por sessão. O simples bom senso repele semelhante ideia. Não seria também uma profanação evocarmos, por dinheiro, os seres que respeitamos, ou que nos são caros? É fora de dúvida que se podem assim obter manifestações; mas quem lhes poderia garantir a sinceridade? Os Espíritos levianos, mentirosos, brincalhões e toda a caterva dos Espíritos inferiores, nada escrupulosos, sempre acorrem, prontos a responder ao que se lhes pergunte, sem se preocuparem com a verdade. Quem, pois, deseje comunicações sérias deve, antes de tudo, pedi-las seriamente e, em seguida inteirar-se da natureza das simpatias do médium com os seres do mundo espiritual. Ora, a primeira condição para se granjear a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse moral e material.

9. A par da questão moral, apresenta-se uma consideração efetiva não menos importante, que entende com a natureza mesma da faculdade. A mediunidade séria não pode ser e não o será nunca uma profissão, não só porque se desacreditaria moralmente, identificada para logo com a dos ledores da boa sorte, como também porque um obstáculo a isso se opõe. É que se trata de uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e mutável, com cuja perenidade, pois, ninguém pode contar. Constituiria, portanto, para o explorador, uma fonte absolutamente incerta de receitas, de natureza a poder faltar-lhe no momento exato em que mais necessária lhe fosse. Coisa diversa é o talento adquirido pelo estudo, pelo trabalho e que, por essa razão mesma, representa uma propriedade da qual naturalmente lícito é, ao seu possuidor, tirar partido. A mediunidade, porém, não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Pode subsistir a aptidão, mas o seu exercício se anula. Daí vem não haver no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de qualquer fenômeno espírita em dado instante. Explorar alguém a mediunidade é, conseqüentemente, dispor de uma coisa da qual não é realmente dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga. Há mais: não é de si próprio que o explorador dispõe; é do concurso dos Espíritos, das almas dos mortos, que ele põe a preço de moeda. Essa ideia causa instintiva repugnância. Foi esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição que motivou a proibição de Moisés. O moderno Espiritismo, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito a que lançou essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão.

(Veja-se: O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, cap. XXVIII. — O Céu e o Inferno, 1ª Parte, cap. XI.)

10. A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos, muita vez, à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde. Podem

CAPÍTULO XXVI – DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam.

Procure, pois, aquele que carece do que viver, recursos em qualquer parte, menos na mediunidade; não lhe consagre, se assim for preciso, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer deles uma escada por onde subam.

O alerta de Acelino

“A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente.”

O eminente Espírito André Luiz, por intermédio da sublime mediunidade de Chico Xavier, narra o curioso caso de Acelino, na obra “Os mensageiros”. Após os ensinamentos e estímulos do mentor Telésforo, antigo lidador da Comunicação, os circundantes encetavam conversações edificantes. Para aqueles que lemos as obras de André Luiz, observamos que ele se utiliza desses momentos para transmitir-nos profundos conhecimentos. E é, justamente, nessa ocasião de conversa fraterna que ele nos aponta o caso de Acelino.

Diz-nos Acelino:

— Também parti de “Nosso Lar”, no século findo, após receber valioso patrimônio instrutivo dos nossos assessores. Segui enriquecido de bênçãos. Uma de nossas beneméritas Ministras da Comunicação presidiu, em pessoa, as medidas atinentes à minha nova tarefa. Não faltaram providências para que me felicitassem a saúde do corpo e o equilíbrio da mente. Após formular grandes promessas aos nossos maiores, parti para uma das grandes cidades brasileiras, em serviço de nossa colônia. O casamento estava em meu roteiro de realizações. Ruth, minha devotada companheira, incumbir-se-ia de colaborar comigo para melhor desempenho das tarefas. Cumprida a primeira parte do programa, aos vinte anos de idade fui chamado à tarefa mediúnica, recebendo enorme amparo dos benfeitores invisíveis. Recordo ainda a sincera satisfação dos companheiros de grupo doutrinário. A vidência, a audição e a psicografia, que o Senhor me concedera, por misericórdia, constituíam decisivos fatores de êxito em nossas atividades. A alegria de todos era inexcedível. Entretanto, apesar das lições maravilhosas de amor evangélico, inclinei-me a transformar minhas faculdades em fonte de renda material. Não me dispus a esperar pelos abundantes recursos que o Senhor me enviaria mais tarde, após meus testemunhos no trabalho, e provoquei, eu mesmo, a solução dos problemas lucrativos.
(LUIZ, 2000: 48-49.)

E, depois de enxugar o pranto, Acelino obtemperou:

— Não fui homicida nem ladrão vulgar, não mantive o propósito íntimo de ferir ninguém, nem desrespeitei alheios lares, mas, indo aos círculos carnavais para servir às criaturas de Deus, nossos irmãos, auxiliando-os no crescimento espiritual com Jesus, apenas fiz viciados da crença religiosa e delinquentes ocultos, mutilados da fé e aleijados do pensamento. Não tenho desculpas, porque estava esclarecido; não tenho perdão, porque não me faltou assistência divina.

E, depois de longa pausa, concluiu gravemente:

— Podem avaliar a extensão da minha culpa?

(LUIZ, 2000: 51.)

Esse breve capítulo da magnífica obra suscita uma série de reflexões. E, certamente, é difícil compreendermos profundamente a extensão da culpa de Acelino. Assim, não podemos responder a pergunta que ele mesmo faz ao final do capítulo de modo completo. Mas é possível fazer algumas ponderações, a começar pela preparação dele.

Em sua narrativa observamos que ele teve o privilégio de ter lições com uma das beneméritas ministras da Comunicação. Ademais, recebeu o concurso dos Espíritos benfeitores para que tivesse um corpo físico saudável e a mente equilibrada. A companheira Ruth seria o sustentáculo

CAPÍTULO XXVI – DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

para a caminhada segura, especialmente nas situações difíceis da vida terrena. E, a serviço de “Nosso Lar”, ele nasceria em uma grande cidade para divulgar a doutrina e trabalhar para o bem. Em síntese: foi um Espírito bastante privilegiado desde o mundo espiritual. Cabe salientar que não são todos que recebem o imprescindível auxílio para a volta ao corpo material. Muitos renascem de forma bastante diversa da vivenciada por Acelino.

Passadas as vinte primaveras, Acelino seguiu com o auxílio inesgotável do mundo superior e com a eclosão das faculdades mediúnicas teve ensejo de melhor contribuir e concretizar as promessas feitas no mundo espiritual. Porém, como ele mesmo asseverou, não soube esperar os tesouros inefáveis do Criador quando retornasse a “Nosso Lar” e, seduzido pelos prazeres materiais, deixou-se arrastar pela mercantilização da mediunidade. O pobre personagem passou por sofrimentos acerbos e perambulou por onze anos nas regiões de sofrimentos. Tudo por causa do seu ato infeliz!

Não é difícil encontrarmos nas grandes cidades situações como a de Acelino. Pessoas existem que mercantilizam a mediunidade, divulgam-na em outdoors, panfletos, Internet etc. E o mais grave é que se revestem do nome de **espíritas**. De tal modo que são capazes de ludibriar os incautos e amealharem grandes fortunas.

Não compete a nós julgarmos essas pessoas. As consequências de tais atos já as conhecemos por meio de narrativas como a de Acelino e tantos outros Espíritos que falharam e vieram nos alertar. Compete a cada um trilhar seu próprio destino. Mas acreditamos que o estudo sério das obras básicas do preclaro codificador e dos ensinamentos de André Luiz, Emmanuel e tantos outros notáveis Espíritos, se vivenciados, fariam com que essas pessoas não prosseguissem no erro grave.

O alerta de Acelino não pode passar despercebido para nós espíritas. Devemos ter muitíssimo cuidado para não macularmos algo tão sublime que é a mediunidade. E, sobretudo, não permitirmos que nos centros espíritas ocorram tais práticas, que muitas vezes de maneira sub-reptícia ou com o enaltecimento de médiuns, os personalismos, as invejas, intrigas etc., conseguem adentrar as casas espíritas e causar profundas perturbações. Nunca é demais lembrar que “a primeira condição para se granjear a benevolência dos bons Espíritos é a humildade o devotamento, a abnegação o mais absoluto desinteresse **moral e material**. (Kardec, 2002: 366.) Corroborando a máxima do Excelso Mestre: “Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido.”

Referências:

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo.

André Luiz, Os Mensageiros, (psicografia Chico Xavier.)

Consciência Mediúnica

“Dai de graça o que de graça recebestes”, disse Jesus aos discípulos, recomendando-lhes, dessa forma, que não aceitassem pagamentos pela dispensa dos bens, cuja obtenção nada lhes houvesse custado, isto é, que nada cobrassem dos outros por aquilo que não pagaram. O que eles receberam, gratuitamente, foi a faculdade de curar doentes e expulsar os demônios, ou seja, os maus Espíritos. Esse dom lhes fora dado de graça, para que aliviassem os que sofriam e ajudassem a propagação da fé e, por isso, lhes prescrevera o Mestre que não o transformassem em artigo de comércio ou de especulação e, muito menos, em meio de vida.
(Mateus XXIII, 14)

A mediunidade é um atributo divino existente em todos os períodos da humanidade, é a oportunidade feliz que o homem hodierno tem de conhecer os mecanismos espirituais, participando da vida espiritual através da faculdade mediúnica, onde o Espírito encarnado tem condições psíquicas de entrar em contato com os dois planos da vida.

A mediunidade é fonte de ensinamentos sublimes, que nós, seres ainda imperfeitos e ignorantes, temos a oportunidade de ascensão e de crescimento espiritual através das suas lições nobres em relação ao mundo espiritual e sua relação com o mundo corpóreo. A mediunidade, bem dirigida e direcionada, é um manancial de luz e felicidade para aqueles que a seguem conforme o nosso senhor Jesus Cristo nos ensinou, dando de graça o que de graça recebemos.

O médium com Jesus é aquele que se esforça plenamente para vencer os seus vícios, muitas vezes milenares, pois a faculdade mediúnica é um dom de Deus em benefício do homem ainda muito grosseiro e animalizado em relação às coisas espirituais. Por isso, nós espíritas, que convivemos diariamente com esta faculdade, temos responsabilidades específicas em relação ao fenômeno mediúnico, do que estamos fazendo com a mediunidade, que direcionamento estamos dando a este fenômeno.

Temos que lutar dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, para romper as barreiras psíquicas que nos distanciam dos Espíritos nobres e bondosos que estão, a todo momento, nos convidando para a nossa reforma moral. Fiquemos atentos para o chamado do alto que muitas vezes não queremos ouvir por conveniência, para não termos que largar as posições acomodáticas em relação à “renúncia” que a mediunidade impõe a todos aqueles que queiram seguir nos padrões éticos e morais que Jesus nos ensinou, através dos seus exemplos.

Quando, muitas vezes, curava os doentes da alma, mais os concitava a não retornarem ao erro, para que não lhes acontecesse algo pior; sempre beneficiava vítima e algoz, demonstrando um profundo amor por ambos, que ele, o Mestre, reconhecia-os como criancinhas espirituais necessitando de compreensão e compaixão.

Mas aqueles que vilipendiam a mediunidade e que a têm como meio de enriquecimento próprio muitas vezes cobrando daquilo que não lhes pertence, estarão, derrapando para as companhias de Espíritos inferiores, que irão levá-lo a dores atroztes por estarem comercializando algo que é divino e que deveria ser usando gratuitamente.

Assim constituindo-se um pronto socorro do céu na Terra para os que sofrem, as injunções perturbadoras das obsessões, das esquizofrenias, das síndromes em geral, dignifiquemos, a mediunidade com Jesus para que a nossa existência seja coroada de felicidade e paz. Na certeza de que cada vez mais façamos brilhar a nossa luz.

Crônicas e Artigos

Nº 284 – 28/10/2012

O Consolador – (Leonardo Marmo Moreira)

IV. Mediunidade gratuita

Os números gigantescos da vida e da obra de Chico Xavier

Além de eleito “O Maior Brasileiro da História” em promoção realizada em 2006 pela revista **Época**, o saudoso médium foi escolhido este ano, em competição organizada pelo SBT, “O Maior Brasileiro de Todos os Tempos”

Chico Xavier foi médium polivalente, ou seja, suas faculdades mediúnicas eram multifacetadas. Dentre elas destaca-se, obviamente, a psicografia, cuja obra engloba diferentes assuntos e abordagens dentro das linhas mestras do Espiritismo e do Evangelho. De fato, mensagens evangélicas, romances, poesias, crônicas, contos, reportagens espirituais e não-espirituais, avaliações históricas, literatura infanto juvenil, cartas (correio espiritual), entre outras formas, constituem tipos de textos contemplados com copiosa amostragem de exemplos pela obra do médium Francisco de Paula Cândido Xavier.

O número de títulos publicados já atinge mais de 460. De fato, 412 obras do médium de Pedro Leopoldo-MG foram publicadas enquanto o médium estava encarnado, mas as publicações de trabalhos inéditos do médium mineiro após sua desencarnação, há uma década, já somam aproximadamente 50 obras, totalizando mais de 460 livros publicados. Esta obra colossal já vendeu aproximadamente 45 milhões de exemplares, tornando Chico Xavier o escritor mais lido da América Latina. De fato, Chico Xavier é o autor brasileiro de maior sucesso, segundo a revista “Isto é” (Fevereiro de 2010/Edição 2103). Segundo a revista “Isto é”, ele já vendeu quase o dobro dos livros de Paulo Coelho, nossa referência de best-seller literário. Em fevereiro de 2010, portanto, há mais de 2 anos, seus 458 livros (à época) somavam aproximadamente 45 milhões de cópias vendidas, segundo Cesar Perri, diretor da Federação Espírita Brasileira (FEB). “Somente ‘Nosso Lar’ tem 2,5 milhões de edições comercializadas em 15 idiomas”, afirmou, à época, o referido diretor da FEB.

Chico Xavier psicografou sete (7) dos dez (10) melhores livros espíritas do Século XX, conforme pesquisa realizada por órgãos da imprensa espírita (Organizações Candeia), os quais consultaram renomados nomes do movimento espírita nacional para chegarem a essa classificação.

“Parnaso de Além-Túmulo”, de 1932, foi sua primeira obra

O primeiro lugar coube ao livro “Nosso Lar”, ditado pelo Espírito André Luiz (Primeiro lugar: “Nosso Lar”, André Luiz/Chico Xavier; Segundo lugar: “Paulo e Estêvão”, Emmanuel/Chico Xavier; Terceiro lugar: “Parnaso de Além-Túmulo”, Espíritos Diversos/Chico Xavier; Quarto lugar: “O Problema do Ser, do Destino e da Dor”, Léon Denis; Quinto lugar: “Memórias de Um Suicida”, Camilo Castelo Branco/Yvonne A. Pereira; Sexto lugar: “A Caminho da Luz”, Emmanuel/Chico Xavier; Sétimo lugar: “O Espírito e o Tempo”, José Herculano Pires; Oitavo lugar: “Há Dois Mil Anos”, Emmanuel/Chico Xavier; Nono lugar: “Evolução em Dois Mundos”, André Luiz/Chico Xavier Waldo Vieira; Décimo lugar: “Missionários da Luz”, André Luiz/Chico Xavier).

Apesar da elevação intelectual de sua obra, só estudou, em termos de educação formal, o chamado “primário”, pois teve que trabalhar para ajudar no sustento da família. Tal fato torna o conteúdo moral, a elevação estilística na linguagem e o volume total de sua psicografia ainda mais impressionantes.

“Parnaso de Além-Túmulo” (livro de poesias publicado em 1932), sua primeira obra psicografada, constitui até hoje complexo enigma para estudiosos da literatura de orientação materialista, pois Chico trouxe de volta à crosta grande parte dos grandes nomes da literatura em

CAPÍTULO XXVI – DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES

língua portuguesa, do Brasil e de Portugal (56 poetas desencarnados), através de poesias totalmente inéditas. As poesias demonstram, inequivocamente, o estilo peculiar de cada poeta, o que foi ratificado pela análise de diversos escritores renomados da época, tais como Menotti del Picchia e Humberto de Campos.

Conforme registro no site da União Espírita Mineira (UEM), o qual foi obtido com o confrade Zenon Vilela, Chico Xavier psicografou algumas obras em tempo recorde, a saber: Em 1952, Chico psicografou 2 livros em 2 dias: “Roteiro” de Emmanuel (172 páginas) e “Pai Nosso” de Meimei (104 páginas).

Em 1963, Chico psicografou 2 livros em 2 dias (neste caso, metades das obras, uma vez que são obras psicografadas por Chico Xavier e Waldo Vieira): Opinião Espírita (obra que contempla 204 páginas no total); e Sexo e Destino (obra que contempla 360 páginas no total).

“Há Dois Mil Anos” foi seu primeiro romance mediúnico

Em 31 de Março de 1969, data comemorativa do centenário da desencarnação de Allan Kardec, Chico psicografou 2 livros no mesmo dia: “Passos da Vida” (156 páginas) e “Estante da Vida” (184 páginas).

Seu primeiro romance mediúnico “Há Dois Mil Anos” foi psicografado no curto espaço de tempo que vai de 24/10/1938 a 9/2/1939 (aproximadamente 3 meses e meio), nos intervalos de suas atividades profissionais. Tal psicografia chama a atenção, pois a chamada “cronologia romana” foi reconhecida como autêntica por especialistas do assunto.

Fomentou direta e indiretamente um número colossal de outras obras de conteúdo evangélico doutrinário de outros autores espíritas e não-espíritas, os quais se apoiaram em orientações, experiências mediúnicas, experiências vivenciais, dissertações evangélico, doutrinárias e trabalhos específicos dentro do movimento espírita narrados e vividos por Chico Xavier. Somente de livros biográficos publicados inspirados na vida de Chico Xavier temos um número superior a cem (100) obras.

Participou da direção e orientação doutrinária de um grande número de casas espíritas em Pedro Leopoldo e em Uberaba, com destaque para o Centro Espírita Luiz Gonzaga (Pedro Leopoldo-MG), a Comunhão Espírita Cristã (Uberaba-MG) e o Grupo Espírita da Prece (Pedro Leopoldo).

Foi médium psicofônico em um número incontável de reuniões de desobsessão, nas quais foi instrumento da doutrinação evangélico doutrinária de um grande número de Espíritos sofrendores.

Foi médium de materialização e participante de reuniões de materialização, nas quais fenômenos extraordinários foram verificados por diversos indivíduos idôneos espíritas e não-espíritas.

Foi médium de um número incontável de mensagens de Espíritos que, ao morrerem, deixaram suas famílias desesperadas, tornando-se um veículo de confirmação de imortalidade, conforto e esperança para milhares de famílias. De fato, o chamado “Correio de luz”, tarefa de difícil execução por constituir uma espécie de reunião mediúnica de certa forma pública, causava um grande desgaste físico ao médium, sem prejuízo qualquer à psicografia dos livros propriamente ditos, os quais eram feitos em horários alternativos.

Chico Xavier jamais extraiu vantagens de suas obras

O chamado “Correio de Luz” era desenvolvido com Chico Xavier rodeado por 400 a 500 pessoas em média, o que deu inúmeras evidências de autenticidade das comunicações mediúnicas, incluindo até mesmo estudos grafoscópicos das assinaturas dos “mortos”.

Jamais recebeu, qualquer recurso financeiro oriundo dos 412 livros psicografados em vida, tornando-se um incomparável exemplo da prática da mediunidade gratuita, ou seja, da mediunidade verdadeiramente espírita. Todos os direitos autorais foram doados para obras de

caridade, as quais contribuíram e continuam contribuindo para a manutenção de obras de amor aos mais necessitados.

A excelência mediúnica jamais foi obstáculo ao cumprimento fiel de suas atividades de trabalho material, no qual consta que foi um extraordinário cumpridor de seus deveres. De fato, segundo vários biógrafos, Chico jamais teria faltado a nem mesmo um único dia de trabalho.

Em estudo desenvolvido por especialistas da área médica e das ciências naturais, foi constatado que Chico Xavier apresentava um eletroencefalograma correspondente ao perfil apresentado na epilepsia, sendo que jamais, em seus 92 anos de vida, o médium tenha apresentado qualquer sintoma dessa enfermidade. Este fato, que ainda é referência para estudos vigentes sobre o fenômeno mediúnico, denota que de forma nenhuma o médium estava “fingindo” o fenômeno, ou seja, o chamado “estado alterado de consciência” era legítimo. De fato, seria impossível a elaboração de qualquer obra intelectual, ainda mais da grandiosidade da obra de Chico Xavier, passando por um surto epiléptico.

Apoiou e orientou um enorme número de médiuns, oradores, escritores e dirigentes espíritas em suas respectivas atividades doutrinárias, seja através do diálogo fraterno, seja por meio de cartas, sendo uma referência e um orientador indireto de um grande número de casas espíritas brasileiras.

Despertou e inspirou diversas pessoas a estudarem, aderirem e trabalharem no Espiritismo, devido à excelência de sua obra, do ponto de vista intelecto moral, associada igualmente à excelência moral de sua vida

Apesar de pobre, foi o arrimo da família

Superou preconceitos sectários de religiosos, cientistas e materialistas, inspirando o respeito de religiosos de outras denominações em relação a ele próprio, à mediunidade e à Doutrina Espírita, contribuindo decisivamente para a diminuição do preconceito contra o Espiritismo em nossa sociedade.

Foi ofendido, caluniado, processado e agredido fisicamente incontáveis vezes, sem jamais manifestar qualquer iniciativa de reação violenta contra tais atitudes, denotando uma paciência e uma disciplina moral, ante todo o tipo de pressão, que são raríssimas em toda a história da humanidade, mesmo para indivíduos que são referências de verdadeira santidade comportamental.

Contribuiu com a caridade material, auxiliando grande número de indivíduos necessitados em Pedro Leopoldo e Uberaba, seja através do trabalho de assistência e promoção social espírita das entidades a que estava vinculado, seja através de seu esforço pessoal. Vale lembrar que, em registro de Jorge Rizzini, o qual foi ao ar em uma das edições do “Globo Repórter”, filas de mais de 4 quilômetros eram formadas por ocasião do Natal em Uberaba, quando um número incontável de necessitados eram assistidos.

Manteve altíssimo nível profissional em suas atividades associadas ao “pão material”, sem nenhum prejuízo para suas atividades mediúnico-evangélico-doutrinárias, assim como a excelência mediúnica jamais foi obstáculo ao cumprimento fiel de suas atividades de trabalho material.

Foi referência de educação e cidadania para espíritas e não-espíritas em Pedro Leopoldo e Uberaba, cidades mineiras em que ele viveu, respectivamente, 48 e 44 anos, aproximadamente.

Chico Xavier foi arrimo de sua família, tendo ao todo 14 irmãos, oito (8) deles fruto do casamento de seu pai, Sr. João Xavier, com sua mãe, Dona Maria João de Deus, sendo que dos nove filhos – Maria Cândida, Luíza, Carmosina, José, Maria de Lourdes, Chico Xavier, Raimundo, Maria da Conceição e Geralda – seis, incluindo o Chico, foram entregues a padrinhos e amigos. Vale ressaltar que Chico sofreu muito nessa fase de sua vida, pois foi entregue à sua madrinha Rita de Cássia, que era uma mulher desequilibrada, que costumava aplicar em torno de três (3) surras diárias nele, além de submetê-lo a situações humilhantes.

O povo do Brasil o elegeu o maior brasileiro da história

Essa fase durou aproximadamente dois (2) anos. Os outros seis (6) irmãos foram fruto do segundo casamento de seu pai, que, após a morte de Dona Maria João de Deus, consorciou-se com Dona Cidália Batista. Os seis novos irmãos – André Luiz, Lucília, Neusa, Cidália, Doralice e João Cândido – proporcionaram a Chico Xavier um número enorme de sobrinhos. Chico auxiliou a todos, material e espiritualmente, sendo fundamental para a manutenção material da família, incluindo a criação dos sobrinhos, principalmente depois da morte prematura de seu irmão mais velho, José Xavier, e da enfermidade reumática de seu pai, João Xavier.

Tendo nascido em 2 de abril de 1910 em família pobre, sofreu com muitas dificuldades para manter todo o trabalho de caridade material, que foi uma constante em sua vida de 92 anos de esforços. Como todos sabem, ele desencarnou em 30/6/2002.

Dormia em média apenas 4 horas por dia para conseguir concluir todo o trabalho material e todo o trabalho espírita/espiritual que constituíam as aproximadamente 20 horas restantes em cada um dos sete dias da semana, sem interrupções.

Sofreu com diversos problemas de saúde durante toda a existência, tais como tuberculose, catarata, infarto do miocárdio, angina pectoris, hiperplasia prostática, um olho praticamente cego etc., sem jamais alegar indisposição física ou impedimento material para o cumprimento de sua tarefa.

Adotou, criou e educou como filho Eurípedes Higino dos Reis, que se formou odontólogo em Uberaba-MG.

Foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz no início da década de oitenta (80) em uma campanha que mobilizou grandes nomes da cultura do país. Foi eleito “O Mineiro do Século”, por promoção da Telemar e da Rede Globo Minas. Por meio de eleição organizada pelos auditores independentes da Receita Federal foi considerado uma das oito (8) mais importantes figuras mundiais ao lado de Madre Tereza de Calcutá, Mandela, Sabin, Carlitos, Santos Dumont, Gandhi e Che Guevara. Foi eleito “O Maior Brasileiro da História” em promoção organizada pela Revista Época em 2006 e, no dia 3 de outubro deste ano, foi o grande vencedor da competição organizada pelo SBT que o consagrou como:
“O Maior Brasileiro de Todos os Tempos”.